

Produção industrial cai em oito de quatorze locais pesquisados em setembro, informa o IBGE

Em um acanhado cantinho de sua edição desta quarta-feira (08), Valor Econômico – o jornal brasileiro de economia mais lido pelos capitalistas e esquerda burocrática – registra que “produção industrial cresce em seis dos 14 locais em setembro, nota o IBGE”. Muito parecido com o nosso título acima. Parecido mas muito diferente. Neste caso, pelo menos, a ordem dos fatores altera bastante o produto. E o que resulta é cronicamente ameaçador para a população.

Acontece que os capitalistas precisam desesperadamente destacar qualquer indicador para demonstrar que “a recessão acabou e o país voltou a crescer”. E forçam a barra sobre os fatos reais. Como? Inventando ou falseando completamente os números apresentados nos relatórios. A luta de classes se manifesta também nesta forma.

Falsificações que do mesmo modo e seguidamente faz seu honestíssimo presidente Michel Temer. Na manhã da mesma quarta-feira (8), novamente ameaçado pela fragmentação de sua não menos honesta base aliada, esse indigesto personagem discorreu sobre a economia nacional: “Em todos os números apresentados temos um retrato claro: o de um país que venceu a recessão mais profunda da sua história e voltou a crescer” diz o notório inimigo público número um. ([Folha de São Paulo, “Temer distorce dados para defender governo em conversa com senadores”, 09/Nov. 2017”](#))

A realidade é que, por trás dessas cínicas manipulações de coisas facilmente observáveis a olho nu no cotidiano das pessoas, encontra-se o fato que os capitalistas e seu atual governo são incapazes de recuperar o crescimento econômico nacional.

Mesmo com as atuais facilidades externas para as exportações, crédito, etc. O mundo inteiro está expandindo em 2017. Menos o Brasil. De acordo com este último relatório do IBGE, a produção industrial brasileira continua rigorosamente estagnada, embora tenha crescido um pouco em alguns Estados e em alguns setores, no mês de setembro.

Apesar do comitê de negócios da burguesia (empresários, governo, mídia e outras funções ideológicas) dar grande destaque para um discretíssimo crescimento industrial em seis estados (Rio de Janeiro foi o mais “dinâmico”), no mês de setembro – isso não tem a menor importância. Apenas repete o minguido protocolo dos últimos trimestres. O que interessa realmente são os dados agregados desta mesma indústria.

Assim, segundo os dados do próprio [relatório do IBGE](#), a produção industrial do Brasil fechou o terceiro trimestre com um crescimento de 1,6% em 2017, influenciada, principalmente, pelo aumento na fabricação voltada para as exportações de veículos automotores. Este ano, o setor automobilístico acumula alta de 14,8% e, em relação a setembro de 2016, o aumento na produção foi de 20,9%. Já na comparação com agosto de

Produção industrial cai em oito de quatorze locais pesquisados em setembro, informa o IBGE

2017, o setor cresceu 1,0%.

“Em todas as comparações, o setor de veículos automotores aparece como um componente positivo para o resultado da indústria”, comenta o gerente da pesquisa do IBGE, André Macedo. “As exportações ajudam a explicar o aumento da produção de veículos em 2017, principalmente para automóveis de passeio, mas também para caminhões”, complementa. Mas não é só a produção de automóveis que aumenta puxada pelas exportações. Todos os restantes ramos do setor de bens de consumo duráveis – do mesmo modo que os ramos do setor de bens de capital – têm aumentado bastante suas exportações e sobrevivido à brutal queda da demanda interna.

Diminuir os preços externos para aumentar as quantidades de mercadorias exportadas. O mundo todo está fazendo isso. Neste momento, a elevação da corrente global de comércio (exportações + importações) é acompanhada por uma correspondente deflação global. Esta é a mais importante manifestação da superprodução global. Mas esse também é outro assunto. Mantenhamos o foco.

Neste emaranhado de determinações, o que se observa claramente com os dados da produção industrial brasileira, como um todo, é que essa desesperada liquidação no mercado externo a preço de banana de estoques de mercadorias invendáveis no mercado interno está longe de retirar a indústria toda da estagnação que se arrasta há quase dois anos.

Sempre segundo o relatório citado do IBGE, em setembro de 2017, a produção industrial nacional teve um acréscimo residual de 0.2% frente ao mês anterior, após recuar 0.7% em agosto. No confronto com igual mês do ano anterior, a indústria cresceu 2,6%. No acumulado dos nove meses do ano, ocorreu elevação de 1,6%, mas a média móvel trimestral manteve-se praticamente igual a zero (0.1%).

Finalmente, a importante taxa do acumulado nos últimos doze meses avançou apenas 0.4%. Esta última taxa é importante porque sinaliza a taxa de crescimento real para o ano corrente como um todo, taxa a ser revelada apenas no fechamento deste último trimestre do ano, em pleno andamento neste momento.

O gráfico abaixo, do IBGE, retratando o período de longo prazo da produção, ilustra muito bem como esses números atuais da indústria nacional representam uma verdadeira prostração produtiva, em termos históricos. E está longe de ser corrigida pela protoburguesia brasileira. Esta é a base material da crise política e social que assola a maior economia ao sul do equador.

Produção industrial cai em oito de quatorze locais pesquisados em setembro, informa o IBGE

Produção física industrial por seções industriais (Índice de base fixa com ajuste sazonal (base: média de 2012 = 100))

